



(Moniales de Bethlém)

Carta de Pentecostes 2018
do Abade Geral OCist

Efatà

Discernir e acompanhar hoje o chamado de Deus

Caríssimos Irmãos e Irmãs

Sabeis que o próximo Sínodo dos Bispos será dedicado ao tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Na vida de nossa Ordem constatamos sempre mais o quanto seja urgente, também para nós aprofundar o tema do discernimento e do acompanhamento das pessoas que se sentem chamadas à vida cisterciense. Atualmente ocorrem não poucas saídas, talvez depois de uns dez ou vinte anos no mosteiro, motivadas por um discernimento superficial e por um acompanhamento insuficiente. Por isso, mas também porque muitos de nós encontramos jovens à procura de sua vocação batismal, pensei em oferecer à Ordem como Carta de Pentecostes uma conferência que me foi pedida recentemente sobre este tema no *Teresianum* de Roma. Penso que possa servir como ponto de partida para uma meditação pessoal e comunitária e também para unir-nos à reflexão que toda a Igreja está fazendo como preparação para o Sínodo dos Bispos. Sobretudo possa ajudar-nos a acolher responsabilmente as vocações que o Senhor nos envia ou que desejamos ardentemente, sem esquecer que a urgência maior é a de vivermos nós mesmos com mais veracidade e alegria a vocação que recebemos.

No último 1º de maio pude participar da cerimônia de Beatificação do Padre João Anastácio Brenner, mártir, que foi noviço cisterciense de Zirc, na Hungria. Se bem que tenha sido forçado a deixar sua Abadia que fora supressa e se tenha tornado sacerdote diocesano, sabemos por seus confrades húngaros mais velhos que fez a Profissão em segredo e que certamente considerava-se monge cisterciense. Que nossa vocação tenha sido vivida até o martírio deve provocar-nos a vivê-la no cotidiano – como o Papa Francisco nos recorda em sua recente Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* – com um desejo humilde e ardente de santidade no dom alegre da própria vida.

Um desígnio eterno sobre cada um

O famoso episódio do chamado de Samuel (1Sm 3,1-21) é uma das melhores fontes de inspiração para compreender o fenômeno da vocação, o mistério de um Deus que chama o homem e, conjuntamente, do homem que se sente chamado por Deus. Como nos colocarmos diante deste mistério em nós e nos outros? Como nos colocarmos diante do mistério da vocação daqueles que somos chamados a acompanhar e educar?

Deus tem um desígnio a respeito de cada ser humano que nasce neste mundo, um desígnio eterno. A vocação de cada pessoa nasce antes que tenha nascido, porque tem uma origem eterna, tem sua fonte no mistério de Deus e no mistério da relação pessoal de Deus com cada homem que cria. Como Deus o revela ao profeta Jeremias: “Antes de formar-te no seio materno, eu te conheci, antes que viesses à luz, eu te consagrei; estabeleci-te como profeta das nações.” (Je 1,5)

Nada deveria definir-nos mais do que aquilo que em Deus é anterior a nós, mais do que o conhecimento de nós que em Deus nos precede, porque é em razão daquele pensamento, daquela palavra eterna que somos amados, feitos e enviados. Enviados à vida, ao ser, à imensa sinfonia da criação, ao drama da história, da aventura humana, ao drama sublime da liberdade humana, criada exatamente para reconhecer Quem a fez, para amar Quem a ama, para conhecer Aquele que nos conhece antes de nós mesmos.

Também o pequeno Samuel, quando veio viver no Templo junto ao sacerdote Eli, trazia já em si uma vocação eterna, já havia sido concebido e havia nascido em razão de um desígnio determinado e estabelecido por Deus. Mas deve chegar um dia em que a vocação de uma pessoa aflora do profundo do mistério como um veio de água que do coração da montanha finalmente surge em um ponto preciso para começar a correr e dessedentar os homens, a irrigar a terra árida, a tornar-se um riacho, água impetuosa e, depois, um rio largo e lento que serve a todos como via para atingir o mar.

Uma novidade na normalidade do real

Naquela noite todos dormiam: “Eli estava dormindo em seu lugar de costume, seus olhos começavam a enfraquecer e não conseguia mais ver bem. A lâmpada de Deus não se havia ainda apagado e Samuel dormia no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus” (1Sm 3,2-3).

Tudo está calmo e silencioso. Mas de repente irrompe a novidade de uma voz que chama Samuel pelo nome. Não parece uma novidade, porque Samuel já está habituado a ser chamado. Pensa então no que seria normal ocorrer: que Eli o chamasse, como tinha chamado antes dezenas de vezes, mesmo durante a noite, para ser assistido em sua velhice e cegueira. E isto ocorre por três vezes. Por três vezes a voz se Deus chama pelo nome o rapazinho e ele reage como se o que seria mais normal lhe tivesse acontecido.

Já isto é um aspecto do mistério da vocação: que sua excepcionalidade assume na vida a forma da normalidade mais cotidiana. Aspecto confortador e tremendo ao mesmo tempo. Confortador porque Deus se abaixa para nos falar como nos fala quem nos é familiar, não é necessário que se eleve extraordinariamente para acolher seu chamado. Tremendo porque corremos o risco de não perceber que se trata Dele.

Igualmente o velho Eli reage primeiro como se estivesse diante de um acontecimento normal: “Não te chamei, volta a dormir!”. A normalidade para ele é que Samuel tivesse sonhado, que tenha imaginado alguma coisa. Samuel, porém, não reduz absolutamente a realidade a um sonho, também nas vezes seguintes não diz nunca: “Sonhei!”, indo de novo dormir. Deus o chama realmente, chama-o com uma voz real e é precisamente a fidelidade de Samuel à realidade em que Deus se manifesta que progressivamente permitirá a Eli e depois a ele mesmo reconhecer a voz de Deus em sua vida.

Parece-me que aqui está uma primeira indicação fundamental para abordar toda vocação, seja a própria, seja a dos outros: Deus entra raramente de modo sobrenatural na vida das pessoas. Prefere a via natural, da experiência humana elementar, a via da realidade a qual todo homem se abre naturalmente. É Deus que toma a natureza a seu serviço, que a torna instrumento e sinal do que Ele nos quer dizer. Deus se serve da natureza para exprimir o sobrenatural, como no Cristo serviu-se de nossa carne para exprimir e manifestar a divindade do Filho. E é seguindo e respeitando a natureza das coisas, a experiência elementar das coisas, que torna possível passar do sinal Àquele que quer manifestar-se através dele. Uma voz que desperta Samuel à noite, só poderia ser para ele a de Eli. Só Eli estava com ele no templo naquela noite. Quem mais poderia chamá-lo? Obedecendo, no fundo instintivamente, ao apelo da realidade, Samuel corresponde ao chamado de Deus, e progressivamente aproxima-se da resposta correta que corresponde ao apelo recebido.

Este aspecto da compreensão antes de tudo natural da voz de Deus que nos chama está presente em quase todas as vocações bíblicas, mesmo no Evangelho. Cristo se serve desta aproximação, deste modo natural de aproximar-se do chamado, também para chamar os apóstolos: “Vai ao largo e lançai vossas redes para a pesca” (Lc 5,4), diz a Pedro e seus companheiros; e é no momento em que cai o véu da ação natural, cotidiana, humanamente elementar, para revelar o milagre, a ação da presença de Deus, que também a vocação pode tornar-se explícita: “Doravante serás pescador de homens” (Lc 5,10).

Jesus chamava Pedro para tornar-se pescador de homens desde o início, desde o momento em que lhe pedia para lançar-se ao largo e jogar sua rede, assim como o Senhor chamava Samuel desde a primeira vez que o rapaz pensou ser chamado por Eli. Mesmo Maria sentiu-se chamada a ter um filho pelas vias normais – “Como será isto, pois não conheço homem?” (Lc 1,34) – até que o anjo desvendou-lhe o mistério da Encarnação por obra do Espírito Santo.

É sempre como se Deus quisesse que o mistério fosse atingido através da via da nossa humanidade, sem que essa mediação seja afastada, porque o mistério de Deus, e o mistério da vocação de cada um, manifesta-se desde o interior do humano, revelando sua sacralidade. Nossa humanidade é revelada a si mesma como templo de Deus: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus, que sois vós” (1Co 3,16-17).

“Então Eli compreendeu que o Senhor chamava o jovem”

Mas como se revela a habitação de Deus no templo de nossa vida humana? Aonde deve conduzir-nos o aproximar-se a Deus através das vias da nossa experiência humana elementar? Por certo, deve conduzir-nos a Deus, mas aonde deve conduzir-nos dentro de nós, na consciência e na experiência de nós mesmos?

Também nisso o episódio da vocação de Samuel é ilustrativo e nos revela o papel essencial de quem é chamado a acompanhar o caminho vocacional dos outros, em particular dos jovens. Eli compreende primeiro que Samuel é chamado por Deus. E como chega a esta compreensão? Reconhecendo que não é ele mesmo quem o chama. Esta tomada de consciência não se realiza a um nível apenas superficial. Eli, na terceira vez, poderia ter perdido a paciência e ameaçado o rapaz dizendo-lhe que se o chamasse novamente haveria de puni-lo ou o expulsaria do Templo.

Em Eli também, ou, antes, *sobretudo* nele, ocorre um reconhecimento do mistério: “Então Eli compreendeu que o Senhor chamava o jovem” (1Sm 3,8). E apesar de não ter sabido educar seus próprios filhos na fidelidade a Deus, Eli trata de modo exemplar a vocação de Samuel.

Antes de tudo não abusa dele, nem aproveita da ingenuidade do rapazinho. Também não lhe diz: “Tens esta vocação! Deus te chama para isso ou para aquilo! Foste feito para isso ou para aquilo!”, fazendo-se de dono de um mistério que reside entre a liberdade de Deus e a liberdade de cada pessoa. Isto é um abuso tão grave quanto a simonia, porque usa da iniciativa gratuita de Deus (e nada é mais gratuito que um chamado de Deus que escolhe, que elege uma pessoa), para uma glória pessoal, esperando ao menos um reconhecimento com relação a quem se erige como “pai ou mãe da vocação”, como alguns se comprazem em dizer.

Eli, ao contrário, dirige o rapaz para o mistério que o chama. E faz isso para que verifique por si mesmo se verdadeiramente aquela voz é de Deus ou não. Convida-o a penetrar mais no mistério que se manifesta na sua vida com uma discrição, com um respeito, uma ternura inacreditáveis. Imaginai: o Altíssimo, no próprio Templo, vem em meio à noite inclinar-se sobre um menino adormecido para sussurrar-lhe simplesmente ao ouvido o seu nome: “Samuel!”

Também Jesus fará assim, chamará com um respeito absoluto da liberdade de cada um, propondo uma verificação em absoluta liberdade: “Jesus então voltou-se e observando que eles os seguiam, disse-lhes: ‘O que buscais?’ (...) ‘Rabi (...), onde moras?’ Diz-lhes: ‘Vinde e vede’.” (Jo 1,38-39)

Uma verificação fundamental

A verificação, isto é, fazer emergir a verdade de alguma coisa, seja um sentimento ou uma experiência, experimentar para julgar sobre sua veracidade, para saber se Deus chama verdadeiramente, é um aspecto fundamental, é um caminho fundamental para viver com liberdade e verdade toda vocação. Se quem se sente chamado deve ser ajudado em alguma coisa, é com relação ao ser acompanhado na verificação da delicada manifestação do mistério em sua vida. Mesmo quando, em casos excepcionais como o de Saulo de Tarso, a irrupção de Deus não é delicada, mas arrebatadora, mesmo então e talvez sobretudo então, o que é chamado tem necessidade de quem o ajude e o acompanhe para fazer a verificação do apelo recebido. Saulo tem necessidade de Ananias, da pequena e assustada comunidade de Damasco, para entrar na verificação de sua extraordinária vocação. Poder-se-ia dizer que o próprio Cristo tem necessidade disso, quer ter necessidade deste âmbito humano e cotidiano do seu Corpo Místico, para permitir que seus chamados sejam verificados e se tornem caminho (cf. At 9,3-19).

Por que, então, Samuel precisa ser ajudado? Porque não fez ainda a experiência daquela realidade que o interpela. O texto o diz expressamente: “Na verdade Samuel até então não tinha ainda conhecido o Senhor, nem lhe tinha ainda sido revelada a palavra do Senhor” (1Sm 3,7). E a sabedoria de Eli consiste exatamente nisto, introduzir Samuel na verificação experiencial de uma realidade misteriosa, sobrenatural, que se apresenta discretamente em sua vida. Não apenas Eli intui que Deus se está dirigindo ao rapaz, mas propõe-lhe de imediato um método elementar para verificar este fato, que não é ainda certo, até porque não foi verificado: “Eli disse a Samuel: ‘Vai dormir e, se te chamar, dirás: Fala, Senhor, pois teu servo te escuta’” (1Sm 3,8-9).

Notemos que Eli não manda logo o jovem rezar, não lhe pede para estar em vigília. Ao contrário: manda-o dormir, manda que viva normalmente o que um rapazinho faz à noite.

Samuel não deve provocar nada, nada deve desencadear; deve apenas deixar a Deus toda a liberdade de iniciativa. O que lhe oferece é um método de verificação, um método que corresponda à iniciativa que Deus deseja tomar: “Se te chamar, dirás: fala. Senhor, que teu servo te escuta” (1Sm 3,9). Não é uma fórmula mágica, mas uma palavra que quer educar o rapaz a corresponder à iniciativa de Deus, à iniciativa do chamado de Deus. A frase que lhe ensina, que lhe faz memorizar, com a qual Samuel provavelmente adormeceu, educa-o a pôr-se diante de Deus com uma abertura que é pedido. Samuel pede a Deus que fale e oferece a Deus sua escuta. Como se dissesse: “Senhor, sou uma necessidade de Ti, um desejo de Ti vazio e aberto!”

Na vocação, em toda vocação, existem dois momentos: o chamado puro e simples, isto é Deus pronuncia nosso nome, de mil maneiras, talvez através de detalhes insignificantes, mas, através dos quais, é possível sentir-se chamado por Ele, o coração sente-se chamado por Ele. E depois vem a palavra de Deus, aquilo que Deus nos quer comunicar. E este falar de Deus àquele que é chamado define sempre mais a vocação, mantém-na viva, dá-lhe substância, mesmo quando o nome que Deus pronuncia, e às vezes muda, sintetiza já toda a vocação de uma pessoa: “Tu és Simão, filho de João; doravante serás chamado Cefas” (Jo 1,42).

Educar para a escuta

A resposta essencial ao chamado de Deus, a Deus que chama nosso nome, é uma disponibilidade para a escuta, ou antes, um pedido para que Ele nos fale, que nos diga tudo, tudo que quer dizer-nos, porque é neste Seu falar-nos que a vocação se realiza, é realizada em nós e, através de nós, pelo próprio Deus. Uma vocação é sempre uma obra de Deus, uma criação de Deus que fala a uma pessoa. E a missão que toda vocação comporta, realiza-se se quem é chamado deixa-se criar pela palavra de Deus até o mais profundo, até a meta que Deus quer atingir. Responder “Fala, Senhor” a Deus que chama nosso nome, significa pedir-lhe expressamente, livremente, para *pronunciar*, para *expressar* nossa vida, nossa pessoa, segundo seu desígnio.

Toda vida é palavra criadora de Deus em ato, mas no mistério da vocação, desde a vocação batismal, o ser formado pela palavra de Deus deve tornar-se uma realidade consciente, um diálogo livre, pedido e consentido, entre Deus e o homem. Quem consente a um chamado, a uma vocação, pede a Deus *pronunciar abertamente* a própria vida, isto é, torná-la um anúncio explícito, um *pro-anúncio*, considerando a etimologia do verbo “pronunciar”, um anúncio diante da própria pessoa, da Igreja e do mundo, daquilo que Deus quer expressar. Consentir a um chamado significa no fundo dizer como São Paulo: “Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), mas com a consciência joaneia de que Cristo é o Verbo de Deus, a Palavra que o Pai quer expressar no mundo através do sopro do Espírito Santo.

Tudo isto é totalmente e paradigmaticamente presente na vocação da Virgem Maria, que compreende de imediato que sua vocação realiza-se na vinda a ela e através dela da Palavra de Deus: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua palavra” (Lc 1,38). E Maria deixa-se habitar pelo Verbo de Deus de tal forma que toda palavra sua, até uma simples saudação, torna-se anúncio Dele, ou antes: um apresentar-se Dele, uma vinda Dele para quem escuta: “Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com um grande grito, exclamou; ‘Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!’

Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? Pois quando a tua saudação chegou a meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu ventre. Feliz a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,40-45)

Samuel aprende de Eli o método para deixar-se recriar desta forma pela palavra de Deus que pede para formá-lo segundo um desígnio particular, uma missão particular, que pede para ser exprimida através dele, através de sua vida. Este método é essencialmente a escuta de Deus, isto é, o silêncio que pede a Deus para falar.

Este é um aspecto essencial na concepção da vocação, da vida como vocação, e um ponto crucial hoje mais que nunca. Não é possível educar os jovens para a vida como vocação sem educar para a escuta de Deus, sem educar para o silêncio que pede a Deus para falar. Sou sempre grato ao sacerdote que acompanhou os primeiros passos de minha vocação por ter-me aconselhado a rezar como Samuel, de repetir como ele: “Fala, Senhor, que teu servo escuta!” Não foi uma fórmula mágica para receber respostas imediatas, mas um gesto que me educou a permanecer com simplicidade e pobreza face ao chamado que sentia, e que não era definido, esperando que Deus mesmo me indicasse, quando e como quisesse, a forma que deveria tomar esta intuição, este chamado. E a resposta, mais que grandes iluminações, foi a vida mesma, o curso que tomou minha vida, moldada pelos acontecimentos, pelas faces positivas e negativas de meu temperamento, de minha psicologia; a resposta consistiu nos encontros que tive, nas experiências que me foi dado fazer, nas necessidades das comunidades cristãs em que me encontrava, nas leituras que falaram a mim, nas intuições que se acrescentaram em meu coração, particularmente ligadas a uma palavra da Escritura que, oportunamente comprovadas, aceleraram meu caminho ou provocaram mudanças de rumo inesperadas.

O método da escuta, o método do silêncio que escuta Deus, não é só para a consolidação inicial da vocação, mas diz respeito à formação permanente, é antes o método para viver a vocação e permitir que dê frutos, do início ao fim. Se há uma maturidade que, com o passar dos anos, deveria aprofundar-se na vivência de uma vocação qualquer, penso que essa maturidade seria a de escutar sempre mais a Deus e menos a si mesmo. Quanto mais me vejo no dever de falar e exprimir-me no seguimento da missão ligada à vocação que Deus me dá, mais sinto como é vital o silêncio e mais sinto como é imprescindível a mendicância do pequeno Samuel: “Fala, Senhor! Fala Tu e faz-me calar, porque tenho necessidade de escutar-Te e de exprimir somente a tua Palavra, o teu Verbo, o Filho teu Jesus Cristo!”

A grandeza do profeta Samuel é toda relativa ao serviço da presença de Deus que lhe fala e à preferência absoluta que Samuel concede a este mistério em sua vida: “Samuel cresceu e o Senhor esteve com ele, não deixou sem cumprimento nenhuma de suas palavras. Por isso todo Israel, de Dan a Bersabeia, soube que Samuel havia sido constituído profeta do Senhor. O Senhor continuou a aparecer em Silo, porque o Senhor revelava-se a Samuel em Silo com a sua palavra.” (1Sm 3,19-21)

A sede desviada

Então podemos perguntar-nos, como se perguntam todos os que hoje ocupam-se de vocações e também simplesmente de educação familiar e de formação escolar dos jovens: é possível hoje responder ao chamado de Deus? Se é necessária a escuta, se é necessário o silêncio, se é necessária uma liberdade que escuta e consente, e vive, alimenta-se e se exprime escutando a Deus, tem sentido hoje falar de vocação, de vocações, de vida como vocação?

Confesso-vos que não coloco para mim estas perguntas diante de jovens que vivem no mundo, mas sobretudo com relação àqueles que encontro nos mosteiros, que dizem ou pensam já ter feito uma escolha, já ter respondido ao chamado, já ter deixado tudo para seguir Jesus. São já noviços, professos simples, ou mesmo solenes, às vezes já ordenados sacerdotes. Em alguns lugares, como na África, são dezenas, e em outros, como na Ásia, são centenas. Frequentemente estão já empenhados em estudos filosóficos ou teológicos, depois de um rápido noviciado. Na verdade, é como se ninguém lhes houvesse ensinado a dizer: “Fala, Senhor, teu servo te escuta!”. Eles são cheios de desejo, de desejo de corresponder ao chamado que sentem no coração e pedem com humildade e urgência para serem acompanhados neste caminho. Fico sempre impressionado ao escutar dos mais jovens em nossos mosteiros, em todos os continentes, o pedido, ou antes: o grito para serem ajudados, formados, acompanhados, porque querem dar a resposta, querem seguir Cristo com todo o coração. Mas é como se ninguém lhes ensinasse a escutar a Deus, a fazer silêncio, a mendigar Sua palavra, a que lhes diga sua vida, que exprima o desígnio de Deus sobre sua vida. Como poderão viver a vocação? Que vocação viverão? Que missão vão encarnar? Infelizmente, a resposta a estas perguntas está quase sempre diante de nossos olhos: jovens já envelhecidos, já cansados, já tristes, já desiludidos, estêreis, incapazes de anunciar, incapazes de contagiar os outros no amor de Cristo. Substituíram a sede da água da fonte do chamado de Deus, pelo sonho de metas pré-estabelecidas, como a profissão solene, e sobretudo a ordenação presbiteral, que se revelavam, uma vez atingidas, uma miragem que ilude, que ilude justamente porque o desejo dirigiu-se a essas como a uma meta, um cume na vida, e não como a um novo início, permitindo a Deus de exprimir-se a Si mesmo através de nossa vida. E então começa-se a desejar o efêmero, a preencher o vazio com valores mundanos: bens materiais, postos de poder, relações afetivas alternativas à pertença a Cristo e à comunidade, tudo isso sintetizado no computador, na sacratíssima liberdade de uso e abuso da Internet, como tudo que lhe é anexo e conexo.

Como inserir a escuta de Deus, o encontro com Deus que nos fala, na vida e no coração deste homem do século XXI, neste homem que não é só pós-moderno, mas pós-contemporâneo, porque não está presente ao presente em que vive, mas vive num além ou em outros lugares virtuais?

Ao meu modesto parecer, o influxo mais determinante da cultura informática, não está nas imagens, naquilo que se vê ou percebe através delas, mas na concepção do tempo. O tempo não dura mais, não deve mais durar. Tudo e imediatamente: é o ideal da relação com a realidade da cultura informática. Mas isso significa que não há mais espera, que a espera não é positiva, não é mais uma experiência humana positiva. Mas sem espera, não há mais a experiência do tempo como um espaço em que possa sobrevir uma novidade. Sem a espera, o tempo não pode mais abrigar o silêncio que espera uma palavra nova, isto é uma palavra de um Outro. A música tornou-se ensurdecadora, como o discurso dos políticos que fazem sucesso, isto é, um ruído que destrói a escuta. O ruído pode ser ouvido, percebido, mas não escutado. O ruído não dá espaço à escuta porque não dá espaço à liberdade. Um ruído impõe-se, não convida como a palavra, o chamado, a música que te solicita e te faz atento e inclinado à beleza.

A evangelização do homem contemporâneo, – e a vocação é no fundo uma evangelização, ser atingido pelo Evangelho e atraído pessoalmente por ele – a evangelização do homem contemporâneo deve levar em conta este seu atordoamento, e deve encontrar o modo de penetrá-lo. É ainda possível que uma voz que sussurra nosso nome seja percebida em meio a esta barulheira? É ainda perceptível o bater de Cristo à porta de quem Ele deseja encontrar para

com ele partilhar a refeição e a vida? É como se hoje Cristo estivesse fechado no quarto e lá de dentro bate para atrair a atenção daquele que chama e está fora em meio ao tumulto do tráfico da cidade. Mas como poderá ser ouvido?

Uma surdez inocente

Talvez devêssemos começar a levar em conta que este problema, se hoje parece acentuado, não é novo. Porventura o Deus de Israel, os patriarcas, Moisés, os profetas, não tiveram também que enfrentar um povo com os ouvidos endurecidos para escutar a voz do Senhor? E Jesus, não perdeu a paciência diante da surdez de coração não só da multidão, dos escribas e dos fariseus, mas também de seus próprios discípulos? “Não entendeis ainda e não compreendeis? Tendes o coração endurecido? Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?” (Mc 8,17-18)

Sim, fomos feitos para escutar a palavra de Deus, todo homem foi feito para isto, tem ouvidos para isso, assim como tem olhos para ver as obras do Senhor. Por que, então, não se vê, por que não se escuta? Talvez a resposta seja simples: porque não podemos, não somos capazes disso, somos verdadeiramente surdos, verdadeiramente cegos. A surdez para a palavra de Deus não é uma escolha, sobretudo nos jovens, sobretudo no homem contemporâneo. É uma escolha em nós, nos discípulos de Jesus, nos apóstolos, e por isso Cristo tem razão em encolerizar-se com eles e conosco. Mas nos jovens, na humanidade contemporânea, não se trata de uma surdez responsável. Jamais, tanto quanto hoje, o clima cultural foi uma condição que se padece, não livremente aceita, justamente porque os meios de penetração deste clima cultural, com seu barulho, sua capilaridade e sua insinuação insidiosa, provocam uma patologia de surdez que se poderia dizer autoimune.

Que atitude tem Cristo diante de tudo isto, desta condição da multidão? Não seria talvez compaixão? “Sinto compaixão desta multidão. Há três dias estão comigo e não tem o que comer. Não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho” (Mt 15,32). Se Jesus sentiu compaixão em razão da falta de pão, não sentirá ainda mais intensa pela falta do que é mais necessário do que o pão, isto é, “de toda palavra que sai da boca de Deus”? (cf. Dt 8,3; Mt 4,4)

Nunca é fecundo para o Reino de Deus abordar os problemas do mundo e da Igreja a partir somente de uma análise fenomenológica e sociológica da situação. A não ser assim, teria sido desnecessária a vinda do Filho de Deus ao mundo. Mas Ele veio e trouxe a novidade de seu olhar, que é um olhar eterno que penetra o tempo, a história, os corações como nada e ninguém podem penetrá-los.

Com que compaixão Cristo olharia hoje a multidão, os jovens, que estão em jejum da Palavra que sai da boca de Deus, que estão em jejum Dele, da sua presença, do seu Evangelho! Se preocupava-se em despedir a multidão sem pão, “para que não desfalecesse no caminho” (Mt 15,32), não teria porventura compaixão do homem de hoje em seu caminho, homem que vive sua vida em jejum da palavra de Deus, da presença de Deus, e não há três dias, mas desde sempre?

Em todas as épocas da história Deus enviou profetas e santos capazes de encarnar o olhar de Cristo sobre a multidão perdida sem pastor. Também a nossa época é riquíssima destes olhares de compaixão, que deixam transparecer o olhar de Cristo sobre o mundo. Bastaria pensar nos Papas.

Recomeçar do “*Efatá*” de Cristo

Mas se Cristo sente verdadeiramente compaixão da surdez e cegueira do mundo humano de hoje, não quereria ou não poderia gritar seu “*Efatá*” sobre este mundo, sobre estes jovens?

Bento XVI comentava o evangelho da cura do surdo-mudo, em Marcos 7,31-37, dizendo que a palavra “*efatá*” “no seu sentido profundo – reassume toda a mensagem e toda obra de Cristo”. E acrescentava: “Todos sabemos que o fechamento do homem, seu isolamento, não depende apenas dos órgãos dos sentidos. Trata-se de um fechamento interior, que se refere ao núcleo profundo da pessoa, a que a Bíblia denomina o ‘coração’. É este que Jesus veio ‘abrir’, libertar, para tornar-nos capazes de viver plenamente a relação com Deus e com os outros. Eis porque dizia – continua o Papa Bento – que esta pequena palavra, ‘*efatá* – abre-te’, resume em si toda a missão de Cristo. Ele se fez homem para que o homem, feito interiormente surdo e mudo pelo pecado, torne-se capaz de escutar a voz de Deus, a voz do Amor que fala a seu coração, e assim aprenda a falar, por sua vez, a linguagem do amor, a comunicar-se com Deus e com os outros.” (*Angelus*, 9 de setembro de 2012).

Mas, então, onde está o problema? Se Cristo olha o mundo de hoje com compaixão por causa da Palavra de vida eterna que não recebe, e se só Ele pode e quer abrir com seu “*Efatá*” o coração de cada homem; se isto é o essencial de sua missão, e, portanto, da missão da Igreja, compreendemos que o verdadeiro problema, o verdadeiro fechamento está em nós, em quem, por uma razão ou outra, mas por graça não merecida, conhece a palavra de Deus, conhece o olhar de Cristo, já foi aberto por um “*Efatá*” batismal que lhe foi dirigido pessoalmente. O problema não é o mundo, não são os jovens, não é a Internet, ou, talvez alguma outra coisa: o problema é a nossa fé, nossa falta de fé que impede a nossa vida de encarnar e transmitir ao mundo esta palavra que Jesus exprime em um suspiro, em uma expiração profunda até o coração da Trindade.

No episódio da cura do surdo-mudo, do homem fechado ao relacionamento, fechado à escuta e à palavra, fechado à comunhão com Deus e os outros, é como se o gesto de cura de Jesus convocasse toda a Trindade: “Tomou-o à parte, longe da multidão, colocou os dedos em seus ouvidos e com saliva tocou sua língua e disse-lhe: ‘*Efatá*’, isto é, ‘abre-te’” (Mc 7,33-34). Tudo remete à presença encarnada do Verbo, ao seu confiar-se orante ao Pai dos Céus e ao sopro do Espírito Santo. O amor trinitário vem como que a concentrar-se no “*Efatá*” de Cristo que devolve o homem a sua natureza e vocação de imagem de Deus, na escuta e na palavra que permitem a relação de amor recíproco.

A fé permite-nos aderir a Cristo, identificar-nos com Ele, também em sua missão de Mediador entre a Trindade e o homem, desejado e criado para espelhar sua Comunhão, vivendo na comunidade cristã, na Igreja, como membro vivo e em harmonia no Corpo de Cristo.

A grande urgência da Igreja, a grande urgência dos cristãos, é aderir a este Cristo estendido, como na Cruz, entre o amor do Pai e a miséria do homem. Antes de nos perguntarmos a respeito da técnica ou da tática a adotar para despertar e educar os jovens para a vocação cristã, batismal, em todas as formas que essa pode assumir, a urgência de fé e de caridade é identificar-se realmente, não formalmente, com o Cristo desta passagem evangélica, que é o Cristo de todo o Evangelho.

Podemos perguntar-nos: diante do homem de hoje, dos jovens de hoje, do mundo contemporâneo, identificamo-nos com Cristo que toca o homem em sua capacidade relacional bloqueada, isto é: fazemos-lhe companhia? Somos próximos dele, ao ponto de tocá-lo, até sentir “o cheiro das ovelhas”, segundo a conhecida expressão do Papa Francisco?

Mas também: diante do homem fechado sobre si, levantamos o olhar do coração, da prece, da fé no Pai bom e misericordioso, cheios de mendicância filial, com a confiança de que Ele nos escuta sempre, nos ouve sempre, mesmo se lhe pedíssemos a ressurreição de um morto (cf. Jo 11,41-44)?

E com esta oração, com esta confiança no Pai atingimos aquele “sopro”, aquele gemido do Espírito que, unido à palavra de Jesus, tem o poder divino de abrir o coração, a mente, a vida de todo homem à amizade com Deus e com todos?

Parece-me que evitando estas perguntas, corremos o risco de colocar sempre o problema da missão da Igreja e da pastoral das vocações com uma mentalidade mundana, que não corresponde à novidade do Cristo. Por certo, tudo pode ser útil, tudo pode ser instrumento útil e eficaz, mas se falta o coração trinitário e cristocêntrico em nossa abordagem da condição humana, nossa e dos outros, todos os instrumentos resultarão vãos, porque o núcleo da questão não é apenas fazer melhor ou corrigir o que não está indo bem, mas ressuscitar uma vida, reavivar um carisma, uma graça divina. E isto só Deus pode fazer e também a fé que nos torna instrumentos Dele.

Caríssimos, confiemos, numa prece unânime, nossos corações ao dom sem medida do Espírito Santo, para que além de nossas fragilidades e nas provações por que passamos, não nos falte a esperança de poder sempre viver nossa vocação com fé e na caridade!

Reunidos, todos juntos, em profunda comunhão, no cenáculo de Pentecostes, vosso



*Fr. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*